

**Exposição Virtual: processo de concepção, planejamento e execução da exposição
“Percurso da História do Turismo no Brasil”**

**Virtual Exhibition: process of conception, planning and execution of the exhibition
“Paths of the History of Tourism in Brazil”**

**Exposición Virtual: proceso de concepción, planificación y ejecución de la exposición
“Caminos de la Historia del Turismo en Brasil”**

Dalila Rosa Hallal¹
Universidade Federal de Pelotas
dalilahallal@gmail.com

Valeria Lima Guimarães²
Universidade Federal Fluminense
valeriaguimaraes@id.uff.br

Igor Arnaldo de Alencar Feitoza³
Universidade Federal Fluminense
igorarnaldo@id.uff.br

Recebido: 22/10/2021 | Aceito: 30/11/2021

Resumo: O presente artigo visa a apresentar e refletir sobre o processo de concepção, planejamento e execução da exposição virtual que tem como título provisório “Percurso da História do Turismo no Brasil – memória reconstrutiva nas narrativas de sujeitos/pesquisadores”, ação realizada pela equipe do projeto Museu Virtual de Turismo no Brasil - MVTB, coordenado pela Professora Valeria Lima Guimarães, do Departamento de Turismo da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense (UFF). O interesse inicial para o desenvolvimento desta exposição está alicerçado em nossas vivências junto a esse grupo de pesquisadores, num esforço compartilhado de construção (e de reconstrução) dos itinerários do turismo no Brasil. Foi a partir dos debates sobre o grupo de pesquisadores, que a equipe do projeto⁴ pensou e propôs uma exposição virtual. O material para compor a exposição está sendo coletado pela equipe e trata-se de uma narrativa contada por meio de muitas vozes.

Palavras-chave: História do Turismo. Memória. Exposição Virtual.

Abstract: This paper aims to present and reflect on the process of conception, planning and execution of the virtual exhibition which has as its provisional title “Travels in the History of Tourism in Brazil – reconstructive memory in the narratives of subjects/researchers”, an action carried out by the team of project Virtual Museum of Tourism in Brazil - MVTB, coordinated by Professor Valeria Lima Guimarães, from the Department of Tourism of the Faculty of Tourism and Hospitality of the Fluminense Federal University (UFF). The initial interest in the development of this exhibition is based on our experiences with this group of researchers, a shared effort to build (and rebuild) tourism and leisure itineraries in Brazil. It was from the debates about the group of researchers that the project team thought about and proposed a virtual exhibition. The material to compose the exhibition is being collected by the team and it is a narrative told through many voices.

¹ Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora titular da Universidade Federal de Pelotas. Participa do Grupo de Pesquisa História do Turismo (HisTur).

² Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora adjunta da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Grupo de Pesquisa História do Turismo (HisTur).

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense.

⁴ Equipe composta por Valéria Lima Guimarães; Dalila Rosa Hallal; Igor Arnaldo de Alencar; Victor Hugo Geovu Esposito; Jade Nianka Lima de Mello Guiet; David Francisco Nunes Ferreira e Thayane Trindade Silva.

Keywords: History of Tourism. Memory. Virtual Exhibition.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar y reflexionar sobre el proceso de concepción, planificación y ejecución de la exposición virtual que tiene como título provisional “Viajes en la Historia del Turismo en Brasil - memoria reconstructiva en las narrativas de sujetos / investigadores”, un acción realizada por el equipo del proyecto Museo Virtual de Turismo de Brasil - MVTB, coordinado por la profesora Valeria Lima Guimarães del Departamento de Turismo de la Facultad de Turismo y Hostelería de la Universidad Federal Fluminense (UFF). El interés inicial en el desarrollo de esta exposición se basa en nuestras experiencias con este grupo de investigadores, un esfuerzo compartido para construir (y reconstruir) itinerarios turísticos y de ocio en Brasil. Fue a partir de los debates sobre el grupo de investigadores que el equipo del proyecto pensó y propuso una exposición virtual. El material para componer la exposición está siendo recogido por el equipo y es una narrativa contada a través de muchas voces.

Palabras clave: Historia del Turismo. Memoria. Exposición virtual.

Considerações Iniciais

Creio que todas as palavras que vamos pronunciando, todos os movimentos e gestos, concluídos ou somente esboçados [...] podem ser entendidos como peças soltas de uma autobiografia não intencional [...] Esta convicção de que tudo quanto dizemos e fazemos ao longo do tempo, mesmo parecendo desprovido de significado e importância, é, e não pode impedir-se de o ser, expressão biográfica, levou-me a sugerir um dia, com mais seriedade do que à primeira vista possa parecer, que todos os seres humanos deveriam deixar relatadas por escrito as suas vidas.
José Saramago

Distintos são os olhares que podemos lançar sobre o turismo, examinado em suas múltiplas possibilidades, tempos e lugares. Analisar o turismo a partir da perspectiva histórica é, sem dúvida alguma, uma tarefa necessária nestes tempos onde proliferam as iniciativas de difusão de informações de consumo superficial. A preservação da memória busca não apenas evitar o esquecimento, mas, sobretudo, preservar identidades culturais de indivíduos, grupos sociais, instituições, nações.

Partimos do pressuposto que a memória é um aspecto central nos debates atuais e é uma questão fundamental nas complexidades que permeiam os estudos realizados por pesquisadores que examinam seus próprios processos, saber reconstituir o processo, recuperar os passos, rever a jornada.

Este estudo tem como objetivo apresentar e refletir sobre o processo de concepção, planejamento e execução da exposição virtual que tem como título provisório “Percurso da História do Turismo no Brasil – memória reconstructiva nas narrativas de sujeitos/pesquisadores”, ação realizada nos anos de 2020 e 2021 pela equipe do projeto Museu Virtual de Turismo no Brasil - MVTB, coordenado pela Professora Valeria Lima Guimarães, do Departamento de Turismo da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O MVTB se propõe a contribuir para a preservação da memória e da história do turismo no Brasil (documentos, fotografias, filmes, letras de música, obras literárias, depoimentos e todo tipo de fonte que possa colaborar para o desenvolvimento de estudos históricos), fazendo uso de recursos eletrônicos/da internet para difusão do material coletado.

No âmbito da preservação, as atividades de conservação e documentação nos museus virtuais são realizadas através de base de dados. Além disso, é importante esclarecer que a preservação do conteúdo na internet é questão fundamental. Por se tratar de um veículo que possibilita constantes alterações, é necessário que todo o conteúdo já adicionado, seja em termos de exposições virtuais ou ações educativas, seja passível de ser consultado pela internet. Nesse sentido, Marcelo Sabbatini (2003) alerta para que as coleções *online* sejam sempre suportadas por bases de dados, pois estas permitem acessar de forma diferenciada tanto aos objetos em si, como a coleção como um todo.

Para o MVTB não basta preservar as coleções, mas é importante que estas coleções e/ou exposições sejam interativas. Nesse sentido, uma das ações do museu está sendo a elaboração de uma exposição virtual apresentando aos visitantes os pesquisadores que trabalham e representam a produção intelectual sobre história do turismo no Brasil de diferentes universidades brasileiras.

Entende-se a comunicação como a ação museológica mais visível ao visitante, pois é através dela que os museus divulgam o seu acervo. A comunicação é a forma como os museus apresentam o seu acervo e interagem com o visitante. E a exposição é a face mais visível da comunicação. É através das exposições – de longa duração ou temporárias – que os museus se comunicam com o público.

Segundo Davallon (1997), numa definição mais alargada, a exposição é uma disposição de apresentação de objetos aos visitantes. Para esse autor, a diferença entre a exposição em si e o museu propriamente dito, reside do fato de que o museu não é somente um dispositivo de comunicação, mas uma instituição cultural, científica, artística e social. Ou seja, ele deve também exercer outras funções além de comunicar: pesquisar e conservar o seu acervo. É através dessa concepção que iremos analisar a nossa exposição virtual.

O interesse inicial para o desenvolvimento desta exposição está alicerçado em nossas vivências junto a um grupo de pesquisadores que ao longo de suas vidas, enquanto pesquisadores e professores, atuam nos campos da docência e da investigação científica, abarcando temáticas referentes à história do turismo. Nossa exposição apresenta memórias e protagonismos que constituíram e constituem essa prática, revelando os afetos, os desafios, os limites, as ousadias que marcaram a trajetória deste grupo.

Esse coletivo vem realizando um esforço compartilhado de construção (e de reconstrução) dos itinerários do turismo no Brasil e a exposição é uma possibilidade de contarmos tal história a nós mesmos e aos outros e, assim, nos "encontramos com histórias de pessoas e de grupos, cujo sentido contribuímos para estabelecer" (SANTAMARINA; MARINAS, 1994, p. 281).

Neste momento de bastante incerteza provocada pela pandemia COVID 19, estamos constantemente repensando e trabalhando nossas metodologias e instrumentais para ação, para promover a troca de saberes entre as ações de extensão e a sociedade em geral. Foi a partir dos debates sobre o grupo de pesquisadores, que a equipe do projeto pensou e propôs uma exposição virtual.

Como nos remete o mestre Paulo Freire, educador, entrevistado pelo Museu da Pessoa em 1992, “As memórias de mim mesmo me ajudaram a entender as tramas das quais fiz parte”. Assim, durante a gravação do seu depoimento de história de vida para o projeto ‘Memória Oral do Idoso’, realizado pelo Museu da Pessoa, o educador resume de maneira precisa a importância da memória para o entendimento da nossa própria trajetória de vida.

Processo de concepção, planejamento e execução da exposição virtual

O processo de concepção e planejamento da exposição foi desenvolvido a partir de reuniões semanais com a equipe e as ações são pensadas de maneira multidisciplinar e participativa. Como ponto de partida, foi feito um estudo bibliográfico sobre o tema e um mapeamento das experiências de exposições disponíveis na internet, o que aconteceu no período de janeiro a março de 2021. Com base nesse levantamento, foi sendo discutida a concepção e planejamento da exposição, o que contribuiu para que se tivesse uma visão ampla e geral sobre o fazer de uma exposição.

Este momento nos permitiu começar a “construir” conceitualmente a exposição. Começamos a compreender o intuito do museu, assimilando assim o sentido comunicativo pretendido pela exposição. A exposição será apenas o resultado expressivo de um longo trabalho prévio de pesquisa. No caso da nossa exposição, seu intuito será justamente apresentar ao visitante um arranjo síntese das memórias do grupo que vem pesquisando a história e a memória do turismo no Brasil.

Os processos de elaboração de exposições em museu devem levar em conta que a aproximação entre exposição e público deve se dar tendo o público como referência (GARCIA BLANCO, 1999). A exposição museológica e a ação educativa são, no museu, as principais formas de comunicação com o público e, integradamente, a principal expressão de

uma política de comunicação museológica e real manifestação de que o museu tem o visitante em sua agenda de preocupações. Para Valente (1995), comunicação expositiva é educação, ou há nela um caráter educacional inerente.

Uma vez elucidado o conceito da exposição, direcionamos nossos esforços para a coleta do material e posteriormente materialização da forma da exposição. Inicialmente foi realizado um levantamento sistemático dos trabalhos e seus respectivos autores que vêm participando dos grupos de trabalho - GT na ANPTUR; simpósios temáticos - ST na Associação Nacional de História – ANPUH e Conferência de Turismo e História (TURHIST) no campo de produção historiográfica História do Turismo.

Após a identificação dos autores, foi enviado via e-mail um convite explicitando que estávamos dando início à elaboração de uma exposição virtual como primeira ação do Museu Virtual de Turismo no Brasil. Para iniciar esse percurso nada melhor que abordar as memórias e histórias daqueles que vêm se debruçando sobre os estudos do Turismo na perspectiva histórica. Solicitamos aos mesmos que gravassem um vídeo contando sobre a suas vivências, sua memória sobre esse percurso. Essas narrativas seriam livres e são construções pessoais, fruto da vivência e percepção de seus protagonistas que lançam novos olhares sobre a história e as memórias do Turismo.

Também optamos pela realização de entrevistas com alguns autores considerados peças chave desse processo, muitos deles coordenadores dos STs ou GTs. Os pesquisadores que privilegiamos, atuaram/atuam muito significativamente nas dimensões pessoal, profissional e sócio-política que se imbricam, exercendo seus talentos, seu saber e seu empenho de forma a agir tendo em vista a transformação. As memórias de reconhecidos pesquisadores deixam aflorar aspectos de sua formação - formação, essa, também realizada nos percursos de vida.

Assim, tanto os vídeos quanto as entrevistas estão sendo realizadas no intuito de contarmos com a memória reconstrutiva de nossos pesquisadores, que nos brindam com suas narrativas.

A memória, conforme os estudos acadêmicos, é um termo polissêmico e de caráter multidisciplinar, admitindo vários sentidos e significados e não sendo território particular de nenhuma área de conhecimento (GONDAR, 2008). Concordamos com a autora e nos inspiramos na sua reflexão, amparada em vários autores que se debruçaram sobre os paradoxos entre a memória individual, social e coletiva (tais como Maurice Halbwachs, Sigmund Freud, Cornelius Castoriadis, Jacques Le Goff, Edgar Morin, Roger Chartier, Pierre Nora, entre outros) de que

Pensar a memória como relação abre a possibilidade de que a partir de uma nova situação ou um novo encontro –como pretende ser a situação analítica, por exemplo – o passado possa ser tanto recordado quanto reinventado. Desse modo, a história de um sujeito, individual ou coletiva, pode ser a história dos diferentes sentidos que emergem em suas relações. Ou, de outro modo: abre-se a possibilidade de que a memória, ao invés de ser recuperada ou resgatada, possa ser criada e recriada, a partir dos novos sentidos que a todo tempo se produzem tanto para os sujeitos individuais quanto para os coletivos – já que todos eles são sujeitos sociais. A polissemia da memória, que poderia ser seu ponto falho, é justamente a sua riqueza (GONDAR, 2008, p. 5).

A narrativa foi compreendida a partir da visão de Walter Benjamin, em uma relação entre experiência, tempo e memória; e em um ato de narrar que não busca ser um romance, nem um relatório, mas uma história tecida da própria reminiscência (BENJAMIN, 2012).

Baseado na premissa da democratização da informação e de valorização da história e da memória desse grupo de pesquisadores, a nossa exposição está centrada no registro, na preservação e na divulgação dessa trajetória. Assim, a memória é a base de seu acervo.

O suporte teórico metodológico empregado a essa produção foi o método autobiográfico. O método autobiográfico se constitui, dentre outros elementos, pelo uso de narrativas produzidas por solicitação de um pesquisador, estabelecendo, pesquisador e entrevistado, "uma forma peculiar de intercâmbio que constitui todo o processo de investigação" (MOITA, 1995, p. 258), com a intencionalidade de construir uma memória pessoal ou coletiva procedente no tempo histórico.

Abraão (2003, p.80) em seu artigo “Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica”, destaca que:

a pesquisa autobiográfica - Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta, é o componente essencial na característica do(a) narrador(a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliar na compreensão de determinado objeto de estudo.

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de auto-conhecimento. Por esta razão, sabe-se, desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo.

Abraão (2003, p.87-88) avalia essa proposta teórico metodológica de pesquisa muito adequada,

justamente ao pretender construir um conhecimento privilegiando a profissionalização do educador, trazendo aportes das histórias contextualizadas de

educadores na dimensão não só pessoal, mas também nas demais dimensões, principalmente na profissional e sócio-política que àquela se imbricam.

A equipe também realizou um levantamento de teses e de dissertações no Brasil que versem sobre a História do Turismo em duas bases de dados: Catálogo de teses e dissertações CAPES e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD. Diversas são as dissertações, teses e artigos que, com olhares e objetivos diferentes, procuram reconstituir os caminhos percorridos na constituição da História do Turismo no Brasil. Esses estudos, produzidos em contextos e períodos diferentes, utilizando metodologias de pesquisa, referenciais teóricos e questões de pesquisa diferenciadas, trazem importantes contribuições para a constituição da memória da área.

Ao refletir sobre como fazer para que as pessoas sejam instigadas a conhecer e quiçá se apropriar do conhecimento produzido, chegou-se à conclusão que uma estratégia conveniente seria a materialização desses conhecimentos em forma de exposição para ser apresentada no museu.

Sabemos que, cada vez mais, os museus contemporâneos são instrumentos de comunicação e recorrem às novas tecnologias de comunicação e informação para realizarem as suas funções como emissores de cultura e de educação, aplicando os conceitos da Nova Museologia (novo paradigma e novas metodologias no trabalho do museu, com contributos socioculturais e multidisciplinares) e as aplicações das Novas Museografias (aplicação e adequação das novas tecnologias e, técnicas multimídia na realização de espaços *online* expositivos com características arquivísticas e museais) na construção de novos museus.

Eiji Mizushima considera estes tipos de museus ligados aos critérios das Novas Museografias - “museus inteligentes”. Segundo Mizushima “os museus inteligentes são planeados para a informação e a comunicação circular com grande facilidade não devendo serem receptores passivos de colecções e visitantes, mas sim mecanismos activos que recebem e transmitem informação aplicando dinamismo em todas as atividades”. (HERNÁNDEZ, 2006, p. 261).

Nossa exposição vem sendo construída em formato de catálogo *online*, com a apresentação dos conteúdos expositivos realizada através da disponibilização da informação em páginas ordenadas. A exposição está sendo organizada pelo índice dos temas expostos e as respectivas páginas de conteúdo. Estas últimas, por sua vez, são compostas por vídeos, áudios, textos explicativos e imagens. Cabe destacar que os textos trazem informações pormenorizadas sobre o contexto do narrador.

Nossa preocupação é primar pela qualidade interativa e comunicativa da exposição, onde o visitante deixa de ser observador passivo, para passar a ter um comportamento ativo. O visitante toma decisões ao interagir com a informação disponibilizada, permitindo que os experienciadores da exposição percorram o ambiente e assim desfrutem das narrativas.

Uma vez carregada a exposição, o visitante se vê imerso no local original no qual ela foi montada. Pode percorrer os espaços e interagir com as narrativas, além de ser instruído sobre o conteúdo conceitual da exposição através de uma narração produzida especialmente para a visitação virtual.

A exposição é uma mediação entre o acervo e o público, e a internet disponibiliza uma série de ferramentas que podem ser utilizadas para incrementar a comunicação nos museus virtuais. Em função de poucos recursos e do conhecimento da equipe, utilizamos o *site* Google Arts & Culture, contudo, ainda estamos em processo da plena organização e efetivação da exposição.

Conforme Veltman (2001), a Internet trouxe para o processo museológico, principalmente à extroversão do acervo, algumas vantagens. Entre elas, a de poder expor um maior número de objetos do que numa exposição convencional, pois através de base de dados é possível exibir todo o acervo. Outros aspectos apontados seriam o acesso aos objetos mesmo a distância, bem como possibilitar um acesso a estes objetos por outros níveis de interação. A internet possibilita também apresentar as referências patrimoniais dentro do contexto de sua produção e seu contexto histórico, fazendo com que o público possa ter uma visão mais abrangente.

Como toda ação de comunicação, as exposições, virtuais, necessitam de um conceito gerador. Não basta simplesmente apresentar os depoimentos, tal como objetos museológicos, mas traduzir uma ideia a partir dessas histórias. A exposição que tem como objetivo a gravação de histórias de vida, pode até apresentar objetos, mas os fios condutores da exposição serão as histórias contadas pelo nosso grupo de pesquisadores. O que distingue a exposição do acervo propriamente dito, é que ela é um recorte do acervo e não a sua totalidade. Além disso, os depoimentos agrupados, sejam em pequenos trechos ou integrais, são selecionados segundo uma ótica de curadoria, para contar uma determinada história coletiva.

É importante repensar as ações museológicas nos museus virtuais. Estamos discutindo como organizar uma ferramenta que permita que cada pessoa se torne também curadora do acervo e da exposição.

Ao repensar o próprio conceito de espaço museológico, os museus virtuais também devem repensar o conceito de curadoria. Ao proporcionar uma experiência de curadoria colaborativa, o Museu da Pessoa reconstrói a lógica da preservação da memória, apontando o indivíduo como responsável pelas ações museológicas. (WORCMAN; HENRIQUES, 2017, p. 70).

Com a criação dessa ferramenta, a exposição possibilita que o próprio visitante possa contar sua história de vida. “A internet passou a permitir, ainda, que os “visitantes” tornassem-se também “produtores de informação”. (HENRIQUES; WORCMAN, 2003, p. 725), fazendo com que o Museu possa se tornar um espaço aberto à participação das pessoas, preservando e comunicando suas histórias.

Ao refletir sobre a exposição como um processo, e que na virtualidade se materializa e apresenta a socialização de histórias biográficas onde o próprio público é curador e participante do processo de cibermusealização, entendemos o museu virtual conforme Rússio:

Sem a noção de que museu é o registro da trajetória humana sobre a terra, sem esta compreensão inicial a alicerçar ideias e reflexões, será impossível uma visão mais clara do conceito museológico e, mesmo, uma análise profunda de cada aspecto em particular. A organização do museu não pode alienar-se do processo social, como um todo; é esta atitude esquiva de alheamento que o vem condenando, sistematicamente, ao esquecimento (RÚSSIO, 1977, p. 133).

O objetivo de nossa exposição é preservar e compartilhar as memórias e histórias daqueles que vêm se debruçando sobre os estudos do Turismo na perspectiva histórica. A criação da exposição teve como intenção reunir e expor essas narrativas, muitas vezes de cunho afetivo, abrindo espaço para uma curadoria colaborativa onde o visitante pode participar e o grupo de pesquisadores possa ampliar e complementar suas narrativas, fazer parte e se sentir representado. A virtualidade permite transcender e democratizar o acesso a este acervo e a seus processos museais.

Assim, a curadoria é colaborativa, pois quando trabalhamos com a possibilidade de participação do visitante na criação de acervo e de coleções abre-se a possibilidade de processos museológicos diferenciados. As ações virtualizadas além de disseminarem no ciberespaço o acervo, familiarizam os participantes que se reconhecem dentro da instituição pela sua atuação na forma de aquisição do acervo como curador, e após como disseminador deste acervo através dos compartilhamentos nas mídias sociais.

Nesse sentido, é importante que os participantes compreendam e se sintam integrantes do projeto, colaborando para a preservação de uma memória também afetiva. Assim, estas ações buscam estreitar os laços na virtualidade entre museu e visitante estimulando os participantes a participem dos processos museais.

O museu é comunitário e concebido enquanto espaço colaborativo, portanto, entendemos que o recurso de uma exposição virtual pode despertar o interesse por parte deste grupo em se apropriar desse espaço e ingressar conosco na constituição de nosso museu.

A exposição é formada por diferentes mídias, tais como a fotografia, os vídeos, as entrevistas e os trabalhos (artigos, dissertações e teses) e vai refletir sobre o percurso de uma rede de pesquisadores com distintas formações e que têm como afinidade uma influência marcante das abordagens históricas do Turismo.

Assim, trata-se de uma exposição dinâmica, que explora a natureza hipermediática do ambiente virtual em rede, fazendo uso de diferentes recursos para complementar a vivência das imagens e vídeos presentes na exposição. Faz uso da estrutura não linear da *web*, na medida em que trabalha com *hiperlinks*, assim como utiliza sua natureza hipermediática na disponibilização de arquivos de vídeo e texto complementares.

A exposição além de expressar um ponto de vista e de problematizar questões, deve pensar a melhor maneira de fazer com que o espectador não apenas perceba e entenda o que está posto em discussão, mas que vivencie e estabeleça as suas próprias relações com os trabalhos que estão sendo exibidos. Nossa exposição, com base nesse prisma, será encarada como uma experiência e o conhecimento como uma construção de sentidos, o que enriquecerá a existência história do visitante (DEWEY, 2010).

Assim, é importante que a exposição ofereça possibilidades para que esses novos sentidos sejam compartilhados e colocados em discussão em um espaço de troca, entre os próprios visitantes e também entre os visitantes e a instituição.

A musealização dessas memórias, vivências, experiências, ambiguidades, emoções, através de uma exposição em um museu virtual, permite não somente a divulgação dessas histórias, mas também a interação do público com este patrimônio.

Possibilita o registro, preservação e divulgação dessas histórias. Tais quais os conceitos norteadores do Museu da Pessoa (apud HENRIQUES, 2012, p.4), entendemos que

1) a história de cada pessoa é valiosa para a construção de uma memória social; 2) a memória oral abre espaço para a transmissão de experiências que se perdem com o passar das gerações; 3) coletar e organizar histórias de vida são formas importantes de produzir conhecimento; 4) a história dá senso de identidade e pertencimento e pode estabelecer novos valores sociais; 5) cidadania inclui o respeito à história e aos valores de cada um.

Assim, com essas diretrizes, o Museu da Pessoa torna-se uma grande fonte de inspiração para o projeto que é apresentado neste artigo. Conforme Henriques,

É o primeiro conceito norteador que resume a essência do trabalho desenvolvido pelo Museu da Pessoa, ou seja, a história de cada pessoa é valiosa para a percepção da memória social, entendendo a memória social como a memória coletiva de um determinado grupo social. A história de vida de uma pessoa é, portanto, patrimônio imaterial do grupo social ao qual ela pertence. E esse patrimônio deve ser preservado, assim como os bens materiais que são reflexo dessa memória coletiva. Ou seja, tão importante quanto preservar objetos é preservar os costumes, histórias e tradições ligadas àquele grupo social. Em sintonia com o primeiro conceito norteador, o Museu da Pessoa defende também o uso da memória social para a transformação da sociedade. Ou seja, é através do conhecimento da sua própria história que um grupo social se vê, se reconhece e pode estabelecer novos parâmetros e novos valores sociais. Nesse sentido, a memória é também ferramenta para a melhoria da autoestima de grupos sociais e para transformação em uma coletividade mais consciente e mais transformadora. A memória, além de fator de coesão de um determinado grupo social, também ajuda no resgate a autoestima, na medida em que conhecendo a história do outro passamos a valorizá-lo enquanto ser humano portador de valores. O Museu da Pessoa acredita também que é importante a preservação do conhecimento e a divulgação dessas experiências para as novas gerações. Isso faz-se necessário para evitar a perda de identidade do grupo social. Nesse sentido, recolher histórias de vida é produzir conhecimento para as gerações futuras, mas também para o presente, pois, além de produzir conhecimento através da recolha da memória oral, transformando-a em fonte de pesquisa, o Museu da Pessoa defende o uso desse conhecimento para a transformação da realidade no tempo atual (HENRIQUES, 2012, p. 5).

A exposição está sendo concebida enquanto um espaço de compartilhamento de histórias, vivências, ideias, desafios, experiências, ambiguidades, emoções e, principalmente, de respeito e valorização dos sujeitos que compõem esse grupo. Trata-se de uma narrativa contada por meio de muitas vozes.

Nossa exposição está sendo configurada especialmente para a *web*, formada por trabalhos selecionados pela equipe. Nesse contexto, e pelo fato de o foco da experiência girar em torno do próprio espaço, e não de objetos nele expostos, a vivência funciona como um complemento à exposição, tornando-a até mesmo mais ativa.

Conforme o Instituto Brasileiro de Museus (2017), uma exposição se realiza no encontro entre sujeito (visitante) e objeto (conjunto expositivo), ou, numa concepção mais abrangente e atual, entre a sociedade e seu patrimônio e pode desempenhar o papel de representar e comunicar histórias, tradições, novidades, conhecimentos, modos de fazer e viver, pois elas

[...] traduzem discursos e narrativas por meio de intermediações sensoriais, como imagens, sons, cheiros, sensações. Expor é, ainda, escolher o que ocultar, optar entre o que lembrar e o que esquecer. A exposição, deste modo, traduz anseios, medos, questionamentos, afirmações, perguntas e respostas, propondo soluções por meio de uma discussão pública e coletiva (IBRAM, 2017, p. 11).

Neste contexto, a possibilidade de comunicar esses patrimônios invisibilizados ganha significados através do meio digital, como no caso da exposição virtual e possibilita que as/os

visitantes conheçam e entendam sobre as transformações, as lutas do grupo ao longo do tempo.

Iremos enfatizar as vivências envolvendo os visitantes e o papel ativo do espectador. A internet possibilita essa interação maior com seu público, pois permitiu uma participação ativa na produção de conteúdo. O público deixa de ser apenas um observador, para ser um produtor de conteúdo, participando ativamente da memória social. Tais mostras apontam para o desenvolvimento de uma cultura da participação e da interatividade, colocando em xeque a ideia de uma exposição como algo estático e intocável, sendo concebida como uma construção coletiva e inacabada e deixando de ser uma ação concentrada por um restrito grupo que detém o conhecimento e também o poder.

Como reforça Muchacho, (s/d, p. 1543): A exposição virtual vem facilitar a recepção informativa, pedagógica e estética do objecto museal. O visitante deixa de ser um sujeito passivo, que apenas reage à mensagem transmitida, passando a ser incentivado a participar e interagir com o espaço. De acordo com a sua experiência, gostos pessoais e nível cultural, cada visitante pode criar o seu próprio percurso expositivo.

Muchacho (s/d) ainda ressalta uma questão importante: a interatividade. Na modalidade virtual, o visitante é incentivado a interagir com o patrimônio exposto, a fazer escolhas das imagens que quer ver, conhecer; e tem liberdade de passear por diferentes coleções de acordo com o interesse do mesmo, não estando preso a um percurso determinado por coleções, cronologia, estilo e etc., como ocorre nos museus físicos. Na visita virtual não é possível simplesmente ‘passar’ pelos objetos ou obras, o visitante é compelido a fazer escolhas e essas escolhas é que irão definir seu percurso.

Com a realização dessa exposição virtual, de natureza digital, pode-se afirmar que o museu virtual, disponibilizado no contexto do ciberespaço, incentiva não somente a experiência estética, como também a construção de conhecimento pelo exercício de seu acervo, no cumprimento de um papel tão importante no que tange à experiência estética e à valorização do patrimônio.

Ao mesmo tempo em que a exposição torna conhecida a produção acadêmica sobre a história do turismo, preservando dessa maneira a sua memória, o que aqui se dá por meio da disponibilização de uma exposição virtual, ele a mantém viva, ativa e permanentemente em contato com o visitante que a exercita, promovendo a dinamização entre a exposição, o indivíduo e sociedade, funcionando como um espaço educativo.

Aspecto bastante presente em nossa exposição é a preocupação com o propósito educativo, presente desde a concepção da mostra. Assim, privilegamos a utilização de

ferramentas participativas, disponibilizando um espaço para o visitante contar (registrar) um pouco de suas memórias e outro espaço para obtermos retorno sobre a mostra por parte do visitante. Nesse sentido, pensar a exposição virtual como uma ferramenta educativa pode também ativar um determinado recorte do acervo, problematizá-lo e colocá-lo disponível para visitação na *web*, provendo recursos para possibilitar o público a engajar-se na cocriação de conteúdo, abrindo espaço para a construção de conhecimento por parte do visitante.

Nesse contexto, a exposição não é apenas um instrumento para a produção, reprodução e difusão de conhecimentos. Ela traz consigo, também, a questão da guarda e da conservação. As decisões entre expor e conservar sempre levantam dúvidas sobre a forma de conciliar, de maneira responsável, a exposição e a conservação, estabelecendo um diálogo entre a equipe do projeto, os pesquisadores e o público da exposição. “Expor é, ainda, escolher o que ocultar, optar entre o que lembrar e o que esquecer. A exposição, deste modo, traduz anseios, medos, questionamentos, afirmações, perguntas e respostas, propondo soluções por meio de uma discussão pública e coletiva. Expor é também, e sobretudo, propor”. (CUNHA, 2005, p.2-4). Assim, nossa exposição reafirma e valoriza a presença e a ação desses pesquisadores individual e coletivamente nos espaços acadêmicos e sua capacidade de ação política.

A exposição também é parte de um conjunto de ações que visa a mostrar uma perspectiva invisibilizada do turismo: os pesquisadores de sua história.

Expor é ou deveria ser, trabalhar contra a ignorância, especialmente contra a forma mais refratária de ignorância, a ideia pré-concebida, o preconceito, o estereótipo cultural. Expor é tomar e calcular o risco de desorientarse - no sentido etimológico (perder a orientação, perturbar a harmonia, o evidente e o consenso, constitutivo do lugar comum, do banal)” (MOUTINHO, 1994, p.4).

Com esta exposição pretendemos contribuir para a reconstituição de alguns fatores que foram determinantes para a constituição dessa área de estudo no Brasil. A exposição revela a trajetória, vivências, ambiguidades e contradições de um grupo de pesquisadores que vêm se dedicando a pesquisar a História do Turismo no Brasil. Congrega pesquisadores e pesquisadoras de diferentes áreas do conhecimento para construir experiências coletivas de investigação articuladas com práticas de ensino e extensão que contribuam para a reflexão e problematização do campo da História e da Memória na interface com o Turismo no Brasil.

Apesar de serem pesquisadores e de terem exercido a docência em tempo e espaços sociais diversos, as narrativas nos revelam a trajetória deste grupo, a sua constituição enquanto pesquisador/docente, as dificuldades enfrentadas, a busca de alternativas para o melhor exercício da profissão. Essas narrativas precisam ser ouvidas. “Essas vozes, através da linguagem, revelam toda uma peculiaridade cultural, permitindo que ocorra o entrelaçamento

do passado com o presente, uma vez que o homem não faz história simplesmente começando de novo e ignorando os feitos de seus antecedentes” (FREITAS, 2000, p. 101).

Valorizando essas memórias singulares e buscando nelas os traços marcantes, tivemos oportunidade de refletir sobre a historiografia do turismo. O que estamos propondo é que a consideração dessas singularidades seja incluída nos projetos de estudos, pesquisa e transformação das práticas, ampliando assim os limites dos percursos da História do Turismo no Brasil, no sentido expresso por António Nóvoa, de que se construa a partir da história dos processos de formação uma "narrativa que ajude a enfrentar os dilemas educativos atuais. (NÓVOA, 1994, p.2).

Nossa exposição surge como uma atividade coletiva, a partir do interesse em compartilhar aspectos que revelam a trajetória deste grupo, experiências de cada sujeito, que estão entrelaçadas, que se tocam, se comunicam, se relacionam e trocam entre si. Essas trocas transpassam a tela e chegam até nós de formas variadas na exposição.

A exposição se caracteriza na perspectiva de um “fazer” permeado por memórias que, por isso, se torna social e historicamente situado. “Amplia o conceito de experiência como prática executada para o de experiência como prática vivida, [...]” (WERNECK, 2019, p. 1). Bosi (1994, p. 55), nos alerta que "na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado [...]. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual".

A exposição sobre esses pesquisadores da história do turismo no Brasil e sua contribuição contínua para a sociedade possibilita uma melhor compreensão do seu trabalho como relação histórica, com as mudanças que sofre ao longo do tempo e as múltiplas interpretações pelas quais pode ser compreendido como atividade humana. Assim, expor a memória desse grupo se torna não somente um ato de pura pesquisa acadêmica, mas também uma atividade de cidadania. A exposição interativa prezou pela liberdade de expressão de cada convidado e convidada, em que o protagonismo colocou-se de forma singular.

Considerações Finais

As narrativas obedecem a um fio lógico e afetivo. São resultados de escolhas subjetivas e refletem a memória em sua mutabilidade. Nas narrativas podemos identificar que nossos estudos sobre a história do turismo, em geral, são pontuais. Há uma grande pulverização na nossa pesquisa e a mesma ainda não é valorizada no conjunto da produção acadêmica em Turismo. Além disso, esse é um esforço quase solitário. Cada pesquisador

conduz ou orienta vários projetos de pesquisa desarticulados e são poucos os programas, espaços e recursos no fomento à pesquisa. É certo que temos bons exemplos de pesquisadores que podem ser identificados com, pelo menos, uma linha de pesquisa bem definida. Mas precisamos muito mais do que isso: é importante que nossos pesquisadores tenham linhas de pesquisa em vez de dispersar esforços em investigações isoladas e pontuais. Se faz necessário pensarmos em estratégias capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes na constituição do tecido social e de projetos de transformação. Talvez seja esse um dos pilares fundamentais do Museu Virtual de Turismo no Brasil e da exposição “Percurso da História do Turismo no Brasil”.

Essas reflexões possibilitam também uma crítica ao produtivismo e à competição acadêmica, na medida em que esses valorizam mais a quantidade e projeção dos indivíduos do que a qualidade dos trabalhos. Considerando-se que o fazer acadêmico requer tempo, esforço e maturação, o estabelecimento de índices de produtividade no formato atual mais desvaloriza do que estimula a produção científica e isso não ocorre apenas na área do Turismo.

Assim, a exposição que ora se constrói e a sua exibição num museu virtual de turismo, que se preocupa com o registro das memórias de seus protagonistas, no caso em questão dos pesquisadores da área, podem ser vistos também como um ato simbólico de resistência, na medida em que dá visibilidade àqueles atores e a seus ofícios nem sempre percebidos e reconhecidos e abre espaço para o ser humano se expressar.

Finalizando, na composição que ora socializamos, encontramos a força de sentidos da pesquisa narrativa (auto)biográfica: como fenômeno presente na prática social, como método de construção partilhada de conhecimentos e como formação humana. Essas narrativas e memória podem ser entendidas como elementos basilares para a construção de histórias de si e do contexto no qual está inserido o sujeito da narração.

As narrativas partilhadas reafirmam a riqueza de desdobramentos, a importante tarefa de estarmos juntos, ao lado de outros que lutam pelos mesmos objetivos, o que nos encanta e anima na continuidade da permanente reinvenção da vida e da pesquisa.

Referências

ABRAHÃO Maria. Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.14 v. 7, n. 14, p. 79-95, jul./dez. 2003.

BENJAMIN Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense; 2012. p. 213-40.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DAVALLON, Jean. L'évolution du rôle des musées. **Revue du Groupe de Recherche pour l'Éducation et la Prospective**, nº 153. Paris: L'Harmattan, 1997, p. 39-47.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREITAS, Alexandre Simão. Os desafios da formação de professores no Século XXI: competências e solidariedade. In: FERREIRA, Andrea Tereza Brito Ferreira; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Org.). **Formação continuada de professores: questões para reflexão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GARCÍA BLANCO, Ángela. **La exposición, un medio de comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, 1999. (Arte y Estética, 55).

GONDAR, Josaida de Oliveira. Memória Individual, Memória Coletiva, Memória Social. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**. Ano 08, número 13, 2008. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815/4305>. Acesso: 21 nov. 2021.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. A experiência do Museu da Pessoa: a história do cotidiano em bits e bytes. **Anais do XI Encontro Nacional de História Oral**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral, 2012. Disponível em: https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1329247967_ARQUIVO_historia_oral_rosali.pdf. Acesso: 21 nov. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caminhos da memória**: para fazer uma exposição. Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão – Brasília, DF: IBRAM, 2017.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Editora, 1995.

MOUTINHO, Mário Canova. A Construção do Objecto Museológico. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 4, n. 4, 11, 1994.

MUCHACHO, Rute. Museus virtuais: A importância da usabilidade na mediação entre o público e o objeto museológico. **Livro de Actas – 4º SOPCOM - Repensar os Media: Novos contextos da Comunicação e da Informação**.

NÓVOA, António. História da Educação: perspectivas atuais. Conferência pronunciada na Faculdade de Educação da USP, em 16 de maio de 1994.

PADILHA, Renata Cardozo, CAFÉ, Ligia, SILVA, Edna Lúcia da. O papel das instituições museológicas na sociedade da informação/conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 2, p. 68 – 82, 2014.

- SABBATINI, Marcelo. **Centros de ciencia y museos científicos virtuales: teoría y práctica. Teoría de la Educación:** educación y cultura en la sociedad de la información. Salamanca, Vol.4, 2003. Disponível em: http://www3.usal.es/~teoriaeducacion/rev_numero_04/n4_art_sabbatini.htm Acesso: 08 de nov.2021.
- SANTAMARINA, Cristina; MARINAS, José Miguel. Historias de vida y historia oral. In: DELGADO, José Manuel; GUTIÉRRES, Juan. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciências sociales.** Madrid: Síntesis, 1994.
- VALENTE, Maria Esther. **A Educação em museus:** o público de hoje no museu de ontem. 1995. 208 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- VELTMAN, K. Les répercussions des nouveaux médias. In: RAPETTI, Rodolphe; LACLOTTE, Michel. **L’Avenir des musées:** colloque, Musée du Louvre, 2000. Paris: Réunion des Musées Nationaux/Musée du Louvre, 2001.
- WORCMAN, Karen; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Curadoria colaborativa: uma experiência digital do Museu da Pessoa. **Revista Observatório.** Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/issue/view/18> Acesso: 07 de março de 2021.
- WERNECK, Jurema. **Nossos passos vêm de longe!** Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Disponível em: <http://books.openedition.org/iheid/6316>. Acesso: 07 de março de 2021.